

## CORA CORALINA INÉDITA: ENCONTRO DAS ÁGUAS DA GEOPOESIA NA RUA DO FOGO DA LITERATURA DE CAMPO

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho investiga as relações polifônicas entre literaturas invisíveis aos centros culturalmente hegemônicos. A partir de um poema inédito da autora goiana Cora Coralina, desenvolvemos o conceito de geopoesia, dialogando com contribuições de Victor Turner e Bertrand Westphal. Ensejamos pensamento teórico-crítico sobre a literatura brasileira desde um ponto de vista periférico, partido do cerrado/sertão do país, com vistas a constituir uma ou várias poéticas populares do cerrado.

**Palavras-chave:** Cora Coralina; Geopoesia; Literatura de campo.

A geopoesia nada mais é que a busca literária pelo invisível do centro periférico. A literatura de campo engloba vozes e performances culturais, autores e obras de um Brasil de dentro – longe do mar, também conhecido como niemar.

Investigar o literário (e não tão somente a literatura) por meio do exercício de crítica polifônica nos guia para poéticas despontadas no Cerrado. Pensando na sua extensão pelo Centro-Oeste e Norte do país tem sido esforço conjunto de pesquisadores que escutam as vozes populares, que experimentam performances culturais e que analisam prosódias, canções, rastros de arte desse centro cerrratense em suas mais diversas manifestações pelos grandes sertões e pelas pequenas *varedas*.

Cada vez mais efetiva-se o movimento de interiorização do país, alocando-se em espaço não-litorâneo e, assim, reconta-se a história da literatura brasileira que continua em formação. Os “dramas, campos e metáforas” (TURNER, 2008) que conjugam as poéticas do cerrado e as expressões pulsantes das literaturas de campo ainda buscam seu direito a um lugar na história da literatura.

Ao tratar de literaturas de campo e de geopoésias evocamos um fazer artístico “(...) que vêm movimentando a cultura, a educação e a humanidade da gente goiana, tão *coralina* (MEDEIROS et al, 2018, p. 14). Forças do literário que partem de espaços plurais, participa das dinâmicas inacabadas da cultura popular e se disseminam numa espécie de *estética da criação literária* que perscruta a literatura de *ficção* e o *folclore*, a criação literária própria do livro e tudo aquilo que é *verbalizado* e corporificado.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Estágio Pós-Doutoral pela Universidade do Minho (UM, Braga – Portugal). Contato: augustorodriguesdr@gmail.com.

Perscruta-se, portanto, debater e apontar índices que deflagrem a atualidade viva e o inacabamento de uma literatura brasileira em constante *formação* (citação responsiva ao legado de Antonio Candido). Portanto, este exercício de crítica polifônica abre espaço para a geopoiesia – localizada e, por isso mesmo, invisível – num mapa para além dos mapas topográficos e compendiados. Nosso intuito é consolidar um pensamento do centro que possa organizar-se em rede e, ainda, que possa estabelecer aproximações com os outros polos hegemônicos e pensamentais do país:

o pensamento da Literatura de Campo produz, compila, repensa e co-participa da recepção brasileira que apresenta o seguinte paradoxo: consideráveis tiragens de obras consagradas, o conhecimento quase incipiente das variantes populares e orais e uma história da Literatura contada a partir do Litoral e do Sul-Sudeste do país. A expressão Literatura de Campo performa a seguinte percepção: a Literatura Brasileira continua em *formação*. E, ao partir desta perspectiva pretendemos dinamizar os modos de representação das culturas populares e popularizadas, bem como os modos menos canonizados da expressão cultural. Trata-se, na verdade, de valorizar, no mesmo grau, as manifestações escritas e orais produzidas em comunidades urbanas e rurais, ágrafas, semi-ágrafas, letradas, quirográficas, editoriais, etc (SILVA JR, 2013, p. 8).

Assim, este pensamento do centro periférico constitui-se como espaço de problematização do cânone (escrito, vocalizado) internacional e nacional, e de certa hegemonia cultural e intelectual do Nordeste-Sudeste-Sul brasileiro – que vêm contando nossa história sem interesse maior pelas manifestações do centro-oeste-norte. Além de se lançar como arena, sobretudo, para reflexão e difusão de poéticas históricas e sistematicamente silenciadas: literaturas do interior, de comunidades quilombolas, de resistências indígenas, de ambientes rurais ou de pequenas cidades, *invisíveis* cidades (SILVA JR, 2003) e de tudo aquilo que ecoa por festejos, romarias, cantorias e manifestações híbridas de *religiosismos* carnavalizados.

Neste sentido, nossa observação do literário e do popular parte de investigadores brasileiros da cultura (Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, Paulo Bezerra, João Gabriel Teixeira, Willi Bolle, dentre outros) em diálogo com figura que celebra o aspecto *carnavalizado* da vida ordinária: Mikhail Bakhtin, em *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (BAKHTIN, 2008) e a compreensão do “ativismo” que

entende a ação intensa e *fazedora* do sujeito (BEZERRA, 2003) em que realiza-se o própria valor estético. A literatura de campo, a geopoésia, em pluralidade e inacabamento, acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transes, e luta por uma *aterrissagem* que *destrone* expressões e abordagens monológicas (BAKHTIN, 2006; 2008).

Nesse contexto a geopoésia se firma como criação e ferramenta de análise – não separando o pensamento criativo do científico:

Numa região, formada por sertão e cerrado, uma área específica enreda-se pelos Estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins (um Brasil Central, brasis sem-mar). Percorrendo rizomas culturais e raízes poéticas desta localidade inventada é possível delinear processos inovadores na zona de influência da capital atual – Brasília. Índices e expressões aproximam ética e esteticamente os imaginários luso-católico, afro-brasileiro, indígena-sertanejo-*cerradeiro* numa tradição de escritores que peregrinaram por veredas e niemares para compor suas obras.

Destacam-se: num primeiro momento, Anchieta e Vieira; num segundo: Hugo de Carvalho Ramos e Mário de Andrade; e, finalmente: José Godoy Garcia e Guimarães Rosa. Assim, consolidam-se vocalidades, materialidades e corporalidades num mapa com extensas margens simbólicas e fronteiras dialógicas no campo de uma produção artística imigratória. Um conjunto polifônico de escritores que, com especificidades individuais, coletivas e híbridas enformam uma Literatura de Campo. Manifestações arraigadas no magma colonial, nas *varedas* de entradas e bandeiras, que continuam e reinventam a cultura e a literatura numa região *sem-mar que em presença demigra* (SILVA JUNIOR; MARQUES, 2016).

Agregamos, ainda, os estudos de geopoética, cuja base é o deslocamento de Euclides da Cunha e sua literatura de campo que agrega procedimentos de composição no deslocamento e percepção do outro. Esta geopoésia dialoga, também, com a “geocrítica” de Bertrand Westphal: “O texto antecipa o lugar, na medida em que parece, por vezes, adiantar-se à sua descoberta. (...) O lugar é então um texto que é um lugar, ou talvez seja o texto que é um lugar que é um texto (2017, p. 177).

No palco do interior brasileiro, convidamos à cena uma artista e intelectual que consolidou-se com um pensamento ativo que se mostrou responsivo ao outro, às alteridades múltiplas incessantemente despontadas dos povos cerradeiros e sertanejos. Uma *poética popular do cerrado* (SILVA JR; MEDEIROS, 2018) engendrando poéticas: plural linguístico que reverbera em raízes e rizomas do sertão-cerrado de um

país de culturas várias espalhadas por veredas, vales, vãos, planaltos, *altiplanos*, rios, quilombos, aldeias indígenas e espaços de resistência, tais como assentamentos.

Nesta conjuntura coadunada pela crítica polifônica, arranjam-se vozes de poetas, como os goianos/mineiros/brasiliários José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes; prosadores das gentes e tropas migrantes, a exemplo de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis; Graciliano Ramos, Hermilo Borba Filho e Guimarães Rosa; dramaturgos e cineastas que fazem do Planalto Central espaço universal: Dulcina de Moraes, Geraldo Lima, Hugo Zorzetti e Vladimir Carvalho; além de cantores e versistas populares de nomes apagados pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações das festas populares de santos, estações e ações. Fazeres em verso, prosa, teatro, performance e canção que conferem vitalidade à expressão popular consciente de um Brasil ainda deveras inconsciente das vozes de seu centro-cerrado e que as propostas de trabalho certamente abarcarão e revelarão. Conforme adverte Maria Zaira Turchi, esse literário não aceita uma delimitação precisa de fronteiras. É do movimento oscilatório que configura-se a linguagem literária. Deste modo, em diversos níveis a linguagem são embebidas de uma capacidade em que o literário apresenta-se universalizado a partir de pequenos índices da cultura, que aparecem prodigiosamente no arranjo dos diversos recursos literários e artísticos (TURCHI, 2003, p. 95).

Nesta perspectiva, ao apresentarmos o poema-necrológio “Quem foi ela?”, de Cora Coralina (1965) percorremos ruas e becos da Cidade de Goiás (antiga Vila Boa/Goyaz), mas, numa geopoesia profunda ressalta-se a movimentação de vozes femininas ecoando em movimentações de forças biográficas. O trabalho articula a poética *coralina* com a imagem de Idalina da Cruz Marques e seu importante papel social na cidade. Ao mesmo tempo conjuga o destino da Professora Terezinha Vieira Maia com o arquivamento desse poema retirado de um jornal de circulação em Goiânia nos idos de 1965 – tendo a fonte ainda não identificada por nós. Nesse longo poema que abarca toda a extensão de uma folha de periódico temos o encontro entre a “rua da ponte”, onde viveu Cora Coralina e a “rua do fogo” onde viveram Idalina Marques e Terezinha Vieira Maia – nascida no n. 09 (SILVA JUNIOR, 2012, p. 209).

Numa poesia plena de cotidiano, o discurso da “Boa Morte” dissemina-se numa dupla articulação do momento e do memento:

Morta... Morta parece ainda maior do que viva.  
Morta parece ainda mais sábia do que o foi em vida porque penetrou  
no grande e solene sentido da morte.  
Tôda a sabedoria da vida que constituiu seu maior cabedal ao longo  
dos anos aliou se agora ao profundo e insondável da morte.  
“A lâmpada sobre o alqueire”...  
(CORALINA, 1965; em todas as citações do poema será mantida a  
grafia original).

Momento do trespassse, memento poético que conjugam memória viva e morte  
celebrada numa tanatografia em geopoesia. Neste retrato específico irrompe paisagens  
da cidade com suas igrejas e águas, pedras chantadas e passantes:

A sua pobreza material nunca foi a pobreza estéril que reduz e  
aniquila.  
A sua era a pobreza generosa, operosa e diligente e construtora. Pobre,  
ela ainda se repartia com outros mais carecedores, vencidos e  
desatenhados pelas dificuldades da vida.  
(...)  
Toda a cidade a conhecia sem precisar do seu nome.  
Sua porta da rua e sua porta do meio se abriam pela manhã e ficavam  
de pedra encostada até as horas tardias dos sons.  
(CORALINA, 1965).

Além do próprio material impresso (em jornal) congrega-se o relato vivo  
(memória oral) de Terezinha Vieira Maia que faculta detalhes encarnados da figura da  
biografada e da poeta biografizante. Num exercício de geopoesia, em processo dialógico  
que aproxima geocrítica e geopoética, nossa perspectiva busca renovar o conceito de  
Literatura de Campo. Da sabedoria enformada pelos fusos discursivos, pelas tramas  
formais e pelas linhas sociais que apresentam experiências de uma geopoesia *coralina*,  
na sustentabilidade da leveza de ser a “fonte segura das informações das velhas coisas,  
pessoas e costumes da cidade que vão se desgastando com a passagem do tempo”  
(CORALINA, 1965).

Percorrendo grupos anônimos, colhendo expressões nas ruas da ponte e na rua do  
fogo, nas águas dos rios Vermelho e do rio Carioca uma topografia memorialística  
presenta-se da antiga capital goiana. A geopoesia então, desponta como essa fonte  
segura das velhas coisas – que de tão longe vem ecoando, das pessoas – que de tão  
longe foram migrando, e dos costumes que de tão humanos vão se poetizando. Se a vida

se desgasta na passagem do tempo, por sua vez, nas passagens da poesia ela se encorpa, faz-se verbo, unge-se de comunhão.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia, EdUFG, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 8.ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia 1997. Vols. I e II.

CORALINA, Cora. Quem foi ela? *Jornal Impresso* (s. ref.), 11 de dezembro de 1965.

MEDEIROS et al. *Os parceiros de Águas Lindas: ensino de literatura pelas letras de Goiás*. Goiânia: Pé de Letras, 2018.

SILVA JR, Augusto. R. *Cidades, invisíveis cidades: leituras de poesia, devaneio e história em Italo Calvino*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiás: Goiânia.

\_\_\_\_\_. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB)*. V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: [http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf\\_2](http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2)

SILVA JR, A.R. MARQUES, G. C. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Vol. 5. n. 2, p. 232-248. Disponível em:

<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1699/1209>. Acesso em: 22 maio 2016.

SILVA JR, A. R.; A. C. M. MEDEIROS. José Godoy Garcia e a poética preta-e-branca: imagens cotidianas de um realismo afro-goiano. *Guavira Letras* – Revista do programa de mestrado e doutorado em Letras da UFMS/Três Lagoas. n. 18, jan.-jul. 2014. p. 53-69. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/52/37>

\_\_\_\_\_. José Godoy Garcia e a poética popular do cerrado: literatura de campo e história do centro-oeste. *Revista Nós: cultura, estética e linguagens*, vol. 3, n. 1, 2018, p. 93-105.

SOUZA, RONALDES. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

TURCHI, M. Zaira. As fronteiras do conto de José J. Veiga. *Ciências e Letras*. n. 34. Porto Alegre, jul/dezembro, 2003, p. 93-104. Disponível em: <http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art08> . Acesso em: 12 abr 2017.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Antropologia do imaginário*. Brasília: EdUnB, 2013.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008.

WESTPHAL, Bertrand. *A geocrítica: real, ficção, espaço*. Porto: Edições Afrontamento, 2017.